

## Produção de sentido nas imagens do cinema

Rodrigo Carvalho da SILVA<sup>1</sup>

### Resumo

Relata como a mídia constrói e dissemina suas mensagens e conteúdos através do uso intencional das imagens. Esse trabalho é direcionado para a análise dos usos das imagens pelo cinema como forma de transmissão de significados e conceitos. O cinema através de suas produções apresenta diversos aspectos sobre nossa cultura e sociedade, criando imagens que têm a intenção de explicar as nossas vidas. O objetivo é demonstrar através do exemplo de uma análise fílmica, neste caso do filme norte-americano “Pleasantville”, no Brasil chamado de “A vida em preto e branco”, como a mídia imagina e tenta intencionalmente representar nosso mundo. Esta pesquisa se deu com base nos postulados teóricos da semiótica da cultura, relacionando os elementos culturais de nossa sociedade e os elementos cinematográficos observados a partir dos aspectos e características específicas do filme analisado. Essa relação resultou nas interpretações e percepções consideradas e descritas na análise.

**Palavras-chave:** Imagens. Cultura. Semiótica. Comunicação midiática. Cinema.

### Introdução

A proposta deste trabalho é reconhecer como a mídia utiliza as imagens para a representação de suas intenções e mensagens. Este estudo justifica-se pela possibilidade de se revelar, através da observação empírica, como as imagens disseminadas pela mídia, no caso desta pesquisa o cinema, representam situações e características culturais de nossa sociedade. Essas representações ao mesmo tempo em que fornecem informações sobre nosso ambiente social também contribuem para a formação ou transformação de determinados aspectos culturais. Nossa cultura é um processo dinâmico, sujeito a constantes interferências. O estudo das intenções dessas imagens possui alta relevância, pois é capaz de provocar mudanças no pensamento individual e coletivo.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Rodrigo Carvalho da Silva. E-mail: chinaechilli@gmail.com

O cinema através de suas produções apresenta diversos aspectos sobre nossa cultura e sociedade, criando imagens que têm a intenção de explicar o nosso mundo. Assim, o objetivo desta pesquisa é demonstrar através de um exemplo de análise fílmica (estudo das diferentes técnicas e elementos escolhidos em uma produção cinematográfica que exprimem sentidos) como a mídia imagina e tenta intencionalmente representar nosso mundo.

O filme norte-americano intitulado como “Pleasantville” e no Brasil chamado de “A vida em preto e branco”, foi utilizado como objeto dessa pesquisa. O estudo será guiado através da análise temática, proposta por Casetti (1996) e com base nos fundamentos da semiótica da cultura. Serão utilizadas algumas cenas e sequências como apoio e ilustração para pontos da análise que dialogam com a questão da representação e do contexto que envolve o filme.

Primeiramente, foi realizada uma decupagem das cenas, que incluiu a indicação de conteúdo, a transcrição de diálogos e outros parâmetros como enquadramentos, iluminação, cenografia, maquiagem, produção e mudanças de cenário. Posteriormente, o filme foi revisto e, a partir do objetivo pretendido e com base na decupagem, foi realizada uma interpretação dos significados e sentidos.

Esta pesquisa se deu através da relação entre os elementos culturais de nossa sociedade e os elementos cinematográficos observados a partir dos aspectos e características específicas da obra. Essa relação resultou nas percepções e considerações descritas na análise.

### **Semiótica da Cultura**

Influenciada pela necessidade de se compreender os problemas da linguagem, a semiótica da cultura surgiu como uma teoria aplicada e direcionada para o estudo de diferentes fenômenos. Assim, a semiótica da cultura não se trata de uma teoria geral dos signos e suas significações, mas sim uma teoria que investiga os mecanismos semióticos manifestados em diferentes sistemas, como a comunicação, a linguística, as artes e outros. De acordo com esta teoria, o mundo deve ser considerado como uma linguagem manifestada e aplicada em diversas formas e domínios.

A linguagem é um sistema codificado, onde diferentes linguagens codificam suas mensagens de modo diferenciado de acordo com suas particularidades e regras. Nesse sentido, a semiótica da cultura considera a linguagem não do ponto de vista linguístico, mas como uma variedade de códigos culturais como visuais, sonoros, estéticos, gestuais e cinésicos. (MACHADO, 2003).

A cultura pode ser considerada como todo o grupo de atividades que vai além da função de preservar a sobrevivência material. Em sua essência, ela existe para si mesma e somente o que lhe ultrapassa é que acaba a transformando em algo com outras finalidades. (SILVA, 1995). A cultura é necessariamente produto da ação, imaginação e criatividade do ser humano.

A compreensão de cultura como reflexo da sociedade pode ser encontrada muitas vezes na antropologia ou na sociologia, mas para os estudos semióticos, a cultura não é a sociedade. No contexto da semiótica, a cultura resulta do processamento de informações e a organização dessas informações, em sistemas de signos ou códigos, é o que exprime a identidade de determinada cultura.

A semiótica da cultura se direciona em dar o status de código cultural para o que não é considerado cultura. É a transformação da não-cultura em cultura através de um processo dinâmico de transmissão e transformação de mensagens. Seu papel não é o de atribuir valor as manifestações culturais, mas sim o de analisar como esses valores interferem na cultura humana em determinados períodos do tempo. Assim, a cultura passa a ser considerada como um fenômeno interativo fundamentado no processamento, troca e no acúmulo de informação. Essas informações são armazenadas tanto na memória humana, de acesso individual, como também em aparatos técnicos desenvolvidos pelo homem, de acesso coletivo ou individual. (SILVA, 1995).

A organização do sistema cultural é feita através do relacionamento de um conjunto de linguagens heterogêneas como a arte (pintura, cinema, literatura, teatro, dança, música), a mitologia (mitos), a religião (crenças), a comunicação (estratégias, regras) e outras.

A semiótica da cultura investiga como uma cultura compreende a si mesma e a outros tipos de cultura. Essa investigação não corre apenas através da descrição dos

sistemas culturais, mas principalmente através de processos de recodificação engendrados pelos diversificados tipos de intervenção humana. (MACHADO, 2007).

O relacionamento de diferentes sistemas semióticos é fundamental para o funcionamento da cultura, pois um único sistema isolado, por mais organizado que seja não constitui uma cultura. Ela é uma espécie de sistema de sistemas correlacionados.

### **Comunicação e Cultura**

A comunicação não aborda somente conhecimento e informação, mas também diz muito sobre a cultura da humanidade. É o ato de buscar sentido nas ações e produções do homem.

Os meios de comunicação não são apenas tecnologia, mas também cultura mediada pela técnica e possibilitada pelas tecnologias. Assim trata-se muito mais de uma questão de mediação do que propriamente apenas de meios.

Segundo Jenkins (2009), não se pode dissociar a tecnologia da cultura, pois ambas estão intimamente ligadas. Quando surge uma nova tecnologia surgem também novas linguagens e novas formas de perceber o espaço, o tempo, a proximidade e as distâncias. Esses acontecimentos resultam nas mutações culturais. Assim, além de aprender a usar as novas tecnologias temos que constantemente aprender e nos adaptar as novas linguagens geradas. A linguagem da internet é um grande exemplo de transformação, assim como a televisão que também possui uma linguagem única, baseada na troca de experiências com outros meios como a literatura, o cinema, o rádio, o jornal e a internet.

Os meios fazem parte das mediações sociais. As mediações estão na produção e reconhecimento da atualidade. Nesse sentido, os estudos da comunicação se articulam com o universo da cultura e da política. Trata-se dos estudos das relações humanas em um mundo midiático e com isso estudar comunicação implica em trabalhar com as contradições da sociedade moderna mediadas pelos fenômenos midiáticos. (BARBERO, 1997).

Segundo Barbero (1997), as mensagens veiculadas na mídia somente se transformam e engendram resultados quando os receptores se apropriam delas no processo comunicativo. Assim, elas ganham sentidos variados decorrentes das

diferentes mediações com as quais os receptores vivenciam. À medida que elas ganham novos significados, elas se desdobram em novas práticas. Em uma nova etapa, essas mensagens recodificadas são compartilhadas socialmente nos espaços destinados à rede de comunicação cotidiana ou, até mesmo, nos espaços de comunicação virtual da Internet. Esse compartilhamento fomenta a construção de um saber coletivo.

No contexto das mediações, os fenômenos midiáticos são vivenciados pelas pessoas e grupos que produzem e reproduzem sentidos. As mediações não são antíteses da mídia, mas um ambiente no qual os textos midiáticos ganham sentido. Com isso, a mídia não é somente uma parte integrante do contexto das mediações, mas sim, é o que determina a construção de um consenso geral e por isso, possui vital importância.

Kerckhove (1997), afirma que os meios de comunicação possuem um alto poder de manipulação e influência sobre o comportamento humano, criando tribos, ditando novos padrões, incentivando modas, destacando ídolos, impulsionando o consumo e valorizando determinados aspectos da cultura.

Já Kellner (2001) diz ser na mídia o espaço onde hoje encontramos a forma dominante de cultura. É ela que nos socializa, estimula discussões de determinados temas e nos proporciona identidade social.

Diferentes subculturas se apropriam de diferentes imagens para identificação. Através das mensagens produzidas e emitidas pela mídia, os indivíduos podem escolher seus estilos próprios, ou seja, suas próprias representações culturais, implicando na aceitação emblemática de alguns significantes (estereótipos) e na rejeição de outros. Dessa forma podemos concluir que atualmente a cultura que é veiculada pela mídia tem o poder de modelar opiniões políticas e comportamentos.

[...] Cada vez mais, a cultura da mídia fornece recursos apropriados à produção de significados pelo público, à criação de identidades [...] O processo de identificação, portanto, é mediado por imagens produzidas para a massa na sociedade contemporânea em que predomina a mídia, enquanto a imagem e o estilo cultural são cada vez mais fundamentais para a construção de identidades. (KELLNER, 2001, p. 212).

A mídia é responsável por apresentar o processo de identificação através de imagens e estilos culturais, mostrando também como identidades contrastantes são

construídas e disseminadas em espaços e tempos nos quais ocorrem conflitos e tensões sociais. (KELLNER, 2001).

### **Imagens e Intenções**

Segundo Flusser (2008), língua e imagem são duas dimensões da realidade que possuem a mesma função: o armazenamento de informações. A cultura é o resultado desse armazenamento. As imagens são o resultado da tentativa humana de representar em um plano as dimensões espaço-tempo de uma determinada situação e época. É através de nossa imaginação e capacidade cognitiva que conseguimos decodificar e codificar as imagens. Porém, essa capacidade também pode resultar em problema. O ato de contemplar uma imagem nos permite extrair sentidos em relação ao que estamos vendo, mas isso ocorre de forma apenas superficial.

Nosso olhar captura somente a aparência das imagens. Uma análise mais profunda de uma imagem requer o conhecimento da reconstituição das dimensões abstratas do momento em que a imagem foi criada e o estabelecimento de uma relação temporal com os elementos dessa imagem. É necessário encontrar a intencionalidade da imagem, do olhar de seu produtor e também do observador. É a união dessas intenções que irá evidenciar um significado consistente e mais profundo em relação a imagem. (FLUSSER, 2002).

Não somente o emissor das mensagens, mas também o receptor, que apesar de dever estar aberto aos estímulos que lhe são direcionados, tem uma intenção consciente ou inconsciente sobre as informações que recebe. Assim, é possível até mesmo tentar estabelecer uma comunicação com um receptor que não deseja ouvir o que o emissor está falando. Essa não-intenção pode ocorrer consciente ou inconscientemente. Nesse contexto, surge a diferenciação entre um processo de comunicação e um processo de informação unilateral.

Na comunicação, ambos, emissor e receptor devem possuir a intenção de se comunicar, já no processo apenas informacional é possível que apenas um tenha essa intenção e, neste caso, não há uma produção de significação. Sem um receptor, não é possível que o emissor se torne produtor de signos. (SILVA, 1995).

Segundo Silva (1995), o signo é portador da informação, mas nem toda informação é um signo. O signo porta informações não apenas sobre aquilo que designa ou representa, mas também sobre si próprio. Como exemplo, podemos citar uma obra de arte que carrega informações sobre o que representa, mas também sobre o artista que a criou.

### **A Cultura através das Imagens**

De acordo com Flusser (2002), as imagens podem ser usadas como modelos de manipulação, pois por meio delas é possível construir artificialmente objetos, matérias, seres vivos, inteligências, identidades e culturas. Elas correspondem a uma nova forma de imaginação. Para ele, a ideia de mundo não é mais a concepção de coisas e objetos tangíveis, mas sim de percepções e representações deste mundo.

Nossos olhos vêem apenas a superfície dos objetos e em um campo maior do que conseguimos tocar. Vemos apenas os contextos e com eles construímos modelos para ações posteriores. É apenas uma “olhar” sobre o mundo.

As imagens apresentam situações e cada situação pode ser alterada através de outras imagens. Elas são ideias de algum objeto ou referente. Com isso, a análise das imagens da mídia corresponde a uma tradução dessas ideias em conceitos que explicam as imagens.

Atualmente as pessoas não estão preparadas para analisar imagens, sobretudo quando essas são divulgadas por grandes centros como a mídia. Elas apenas recebem essas imagens passivamente, reconhecem, reproduzem e as identificam quando vêem em algum lugar, mas não possuem a capacidade de interpretá-las corretamente e não se preocupam em compreender quais as intenções dessas imagens.

Vivemos em um mundo abarrotado de imagens, sobretudo pela exploração imagética da publicidade a favor do consumismo, porém ao mesmo tempo em que isso ocorre não tomamos conta de que todas essas imagens que chegam de alguma forma até nossos olhares possuem sentidos e conteúdos, mesmo que em pequeno grau de importância para nossas vidas. Assim, passamos a conviver com um montante de



imagens não significadas, perdemos a orientação que elas nos deveriam proporcionar e nos tornamos cada vez mais alienados em relação ao nosso próprio mundo.

Com o avanço de nossa sociedade e também das tecnologias ocorre o surgimento de um novo tipo de imagens, que Flusser (2008), denomina de imagens técnicas. Elas são encontradas no cinema, na fotografia, na publicidade e na televisão. Cada uma delas possui seu próprio sistema de linguagens. Com o auge dessas imagens vivemos um novo desafio de re-imaginar o mundo, minimizando a importância dos textos escritos e aumentando o uso e aproveitamento da cultura imagética.

Essas imagens são produzidas a partir de máquinas e aparelhos. Elas são produtos da escrita digitalmente decodificados. Elas seguem um caminho oposto aos textos. Sua construção é científica. É a transformação de conceitos em cenas. (FLUSSER, 2008). Para o autor Vilém Flusser as imagens técnicas emanciparam o homem da necessidade de pensar conceitualmente. Não há mais a preocupação de se refletir ou buscar o real significado de uma representação. Elas são simplesmente aceitas pelo que aparentam ser. São sintomáticas e só apresentam pistas. Pode-se entendê-las sem se ter aprendido seu significado.

Em relação às imagens tradicionais é fácil perceber que são simbólicas e que representam algum significado, pois existe um ser humano, com as suas subjetividades entre a realidade e a imagem construída. Já em relação às imagens técnicas reconhecer esse simbolismo se torna mais difícil, uma vez que são criadas por meio de aparatos técnicos. Elas extraem o conteúdo das mensagens das quais elas são originárias e simplificam esses conceitos ao extremo para que possam ser alcançados em grande escala. Isso faz com que elas sejam recebidas apenas de forma superficial e, assim, desvirtuem o processo de formação cultural. O verdadeiro reconhecimento das intenções dessas imagens fica então a cargo das mediações que serão feitas dentro do processo comunicativo, por grandes instituições sociais como a mídia.

### **O Uso das Imagens no Cinema**

No cinema, a relação existente entre o que é apresentado na tela e a realidade passa por diversas mediações. Isso ocorre porque qualquer filme corresponde a uma



imaginação humana possibilitada por uma tecnologia e inserida em um ambiente social que tenta retratar. Assim, o cinema não retrata a realidade, mas sim a realidade construída a partir de nosso imaginário.

[...] o artista produz relações entre as pessoas e o mundo por intermédio dos objetos artísticos. Sob este aspecto, as obras lidam com os modos de intercâmbio social, a interação com o espectador dentro da experiência estética proposta e os processos de comunicação, enquanto instrumentos concretos que interligam pessoas. (BOURRIAUD, 2009, p. 59)

A construção dos conteúdos veiculados pelo cinema trabalha com a representação do imaginário que é alimentado pelas imagens. Nesse processo, o contrário também ocorre sendo as imagens alimentadas e produzidas de acordo com a imaginação humana. É através da produção e disseminação de imagens que o cinema articula simultaneamente o emocional e a técnica. (MAFFESOLI, 1995).

A relação do analista com a obra também possui grande influência no resultado da análise. Essa relação determina a percepção e decomposição dos elementos constitutivos do filme e por consequência determina as conexões que serão realizadas para a reconstrução dos sentidos que obra apresenta.

Em uma análise fílmica a importância dada às questões estéticas e imagéticas não pode ser apenas superficial, porque se estabelece em um complexo simbólico cheio de sentidos estimuladores do processo comunicativo. Deve se atentar a representação do “mundo imaginal” instaurado pelo filme e constituído de imagens, imaginações e símbolos da vida social. Todo imaginário faz parte de uma narrativa. Para o cinema, a narrativa está ligada ao modo como o enredo é produzido. Um filme corresponde a uma história sobre o imaginário da época, em que elementos da realidade são destacados. Com isso, a sociedade produz representações de si mesma, acreditando nessas representações como se fosse a própria realidade. (MAFFESOLI, 1995).

O modo como um tema de filme é determinado e seu enredo é tecido transmite significados em diferentes níveis. A elaboração de uma personagem é dada, não só pela atuação do que representa, mas pela maneira como é mostrada a partir das técnicas de elaboração cinematográfica, como enquadramento, iluminação e composição das cenas. (BOURRIAUD, 2009).

A imagem fílmica estabelece uma relação com o mundo real na forma como o representa. Os filmes são ligações de uma organização simbólica relacionada à cultura e a sociedade. Nesse contexto, o simbolismo torna-se uma necessidade social. (JOLY, 2003).

Na linguagem cinematográfica há um grande número de códigos significantes que não necessariamente têm algo em haver com o cinema. Esses códigos não específicos correspondem a códigos culturais que se entrecruzam aos códigos cinematográficos na relação de sentidos. (AUMONT, 2002).

Segundo Aumont (2002), o discurso fílmico possui uma relação entre o dito e o dizer, entre o enunciado, ou a história propriamente dita, e a enunciação, ou a maneira como esta história é apresentada, através dos movimentos de câmera ou dos diferentes pontos de vista. Neste sentido, a narrativa fílmica pode ser entendida como a materialização de um enunciado através das imagens, falas, músicas e tudo mais que compor a produção cinematográfica.

A investigação do conteúdo de um filme deve se voltar necessariamente para o estudo da sua forma. As variadas formas de produção podem revelar as representações do mundo e de uma cultura escolhidas na narrativa. O cinema é, portanto, um meio de comunicação e de representação da sociedade. (JOLY, 2003).

A análise fílmica deve compreender dois procedimentos: descrição e interpretação, sendo ambos relacionados. A descrição deve ser feita já orientada para a interpretação e a interpretação deve ser realizada com base na descrição. Inicialmente, ocorre a fase de decomposição do filme, mediante a observação e descrição dos elementos, personagens e história sob forma de texto. Mesmo nessa fase já é possível destacar um ponto de vista do analisador que terá de fazer concessões a respeito do que merece ou não ser descrito em termos de significação. Em uma próxima etapa deve ser realizada uma interpretação dos dados anotados com a intenção de se explicar os sentidos. (CASSETTI, 1996).

Toda obra cinematográfica tem algo a revelar sobre a realidade histórica do período em que foi produzida, assim como as características sociais e culturais da época, estabelecendo relações entre o mundo e suas formas de representação.

**Análise do filme “Pleasantville”****Título original:** Pleasantville**Título no Brasil:** A vida em preto e branco**Ano de produção e lançamento:** 1998**Origem:** EUA**Direção:** Gary Ross**Elenco principal:** Tobey Maguire, Reese Whitherspoon, Jeff Daniels, William H. Macy.**Duração:** 108 min**Gênero:** Drama

O filme aborda diversas questões e valores disseminados em nossa sociedade atual. Sua produção explora as imagens e os elementos visuais, sobretudo em relação a cor.

O filme começa com um fundo preto e uma inserção de texto escrito em cor branca, com o seguinte dizer: “*Era uma vez...*”. Esse enunciado nos remete a ideia de um conto de fadas e com isso podemos dizer que talvez o enredo tenha a intenção de ser ou fazer referência a uma fábula.

O filme conta a história de David (Tobey Maguire), um jovem solitário, que não é feliz com sua vida e foge da realidade assistindo "Pleasantville", um seriado em preto e branco onde tudo é agradável. O universo de Pleasantville é ambientado nos anos 50 e inserido em um contexto comparativo aos anos 90, época retratada pelo filme, que é a mesma de sua produção

O, enredo inicia com uma cena demonstrando professores em salas de aula alertando sobre futuros problemas da humanidade. Entre os problemas destacam-se o aumento de acidentes de trânsito provocado pelo crescente fluxo de veículos nas cidades, desemprego, desigualdade social, alienação dos jovens, problemas ecológicos e o perigo da AIDS. Apesar de o filme ser uma produção dos anos 90, hoje no século XXI, todos esses acontecimentos são reais mazelas de nossa sociedade.

Nas primeiras cenas do filme, David, o personagem principal, aparece assistindo o seriado. Na tela de uma TV são reproduzidas cenas de uma série antiga, totalmente em preto e branco.

David tem uma irmã, chamada Jennifer (Reese Whisterpoon), que é uma garota transgressora, inconsequente e sexualmente ativa. Ela tem esse comportamento porque tenta de qualquer forma se destacar nos ambientes sociais que frequenta, faz questão de ser identificada com parte de uma tribo escolar descolada e para isso deixa de lado seus próprios valores, sem pensar no que realmente lhe completa como ser humano. Ela é a típica representação do jovem atual, alienado as questões humanas e que tenta se enquadrar em um grupo social. Seu comportamento é liberalista, extremamente consumista e faz apologia ao sexo descontrolado. Jennifer recebe passivamente os conceitos pulverizados na sociedade através das bases do capitalismo e da globalização.

A história do filme começa a desenrolar quando os personagens David e Jennifer são enviados do mundo real para o mundo ficcional da TV. Eles são inseridos dentro do seriado "Pleasantville", através de um controle remoto mágico e, com isso, passam a ocupar o lugar dos personagens da série, Bud e Mary-Sue, filhos do casal principal do seriado. A família representada pelo seriado segue uma vida disciplinada e perfeita ao extremo, mas esse acontecimento faz o ritmo da trama mudar totalmente. O mundo real representado pelo filme é totalmente colorido com a exploração de imagens que enfatizam isso. Já o mundo ficcional da série é totalmente em tons de preto, branco e cinza. As roupas dos personagens correspondem à época em que se passa o seriado e o ambiente é clássico.

Essa forma de diferenciação entre dois mundos distintos pode ser comparada com o filme "O Mágico de Oz" de 1939, onde ocorria o processo inverso. Dorothy a personagem principal da história vivia em mundo sem cor e quando chega ao mundo mágico de Oz fica maravilhada ao se deparar com uma enorme variedade de cores.

David e Jennifer são transportados para a TV após uma briga pela posse de um controle remoto, que apareceu através de um desconhecido técnico de televisão. Eles são transportados assim que apertam o botão vermelho do controle. A cor vermelha pode ser interpretada como um sinal de perigo.

Quando chegam ao mundo do seriado, David e Jennifer conversam através da TV com o suposto técnico e as seguintes falas são ditas: “*esse não é o nosso lugar*”, “*devíamos estar em cores*”, “*estamos presos no mundo dos idiotas*”.

Sem saber como voltar para o mundo real, David e Jennifer, decidem entrar no clima e começam a interpretar os personagens do seriado. David leva vantagem, pois como conhece muito bem o enredo, sabe quem são os personagens e a importância que eles têm na vida de Bud e Mary-Sue Parker. Sob estes nomes fictícios, tornam-se filhos George Parker (William H. Macy) e Betty Parker (Joan Allen), que são pais adoráveis em um lugar onde todos são felizes, não há sexo, não existe violência, ninguém precisa ir ao banheiro; existem bombeiros, mas não existe fogo. Os moradores de Pleasantville desconhecem o que há além da cidade. Para eles, não há nada além.

O mundo do seriado é totalmente perfeito. Nada acontece de forma errada. Aparentemente é o lugar ideal para viver e se passa em um ambiente romântico, puro, com clima de inocência. Pleasantville é a representação de um mundo imaculado.

A princípio David fica com medo de alterar os rumos da série, uma vez que era fã e conhecia os comportamentos que cada personagem, mas já sua irmã entediada com a perfeição do mundo da série começa a modificar o enredo que, antes de sua chegada, seguia exatamente como estava pré-estabelecido nos scripts. Essa interferência resulta em uma perda de controle. A história começa a tomar automaticamente novos caminhos e o enredo passa a ser construído de acordo com as ações e atitudes dos personagens, sobretudo os que foram trazidos do mundo real. Essa sistemática é a mesma encontrada em nossa sociedade. Nossos valores e aspectos culturais são construídos de acordo com nossas ações, produções, criatividade e imaginação.

Os acontecimentos vão surgindo e de repente uma rosa se torna vermelha. É o primeiro elemento colorido em um mundo sem cor. A rosa vermelha é apresentada logo após uma cena que indica uma relação sexual entre dois personagens. Assim, essa imagem nos remete novamente ao conceito de perda da inocência.

Conforme novas regras são quebradas e novos eventos acontecem, surgem novas cores e novos elementos do seriado passam a ficar coloridos. Tudo não é mais tão agradável em Pleasantville, mas, por outro lado, existem muito mais emoções e sensações que, no contexto do filme, são representadas exatamente pelo surgimento das

cores. Inicialmente nem todos os personagens gostam destas mudanças e sugerem que os coloridos sejam separados. Essa separação pode ser comparada com o atual conceito de exclusão, seja de ordem social, étnica, religiosa, racial, sexual e diversas outras formas de marginalização, discriminação e preconceito.

Os personagens deixam de seguir um roteiro e começam a fazer suas próprias escolhas, rumo a um destino desconhecido. Esse conceito pode ser usado analogicamente com a história bíblica de gênesis. Adão e Eva viviam no paraíso, mas quando cometeram uma ação que estava fora do pré-condicionado, ficaram sujeitos a sanções e ao surgimento de novos paradigmas, incluindo os problemas e conflitos, que são oposições à ideia de paraíso. Foi aberta a porta de um novo universo para eles, repleto de diferentes descobertas que podem ser boas ou ruins. Suas escolhas determinarão suas experiências.

Conforme os personagens começam a realizar ações diferentes as previstas no roteiro do seriado, cada vez mais, os elementos se transformam em coloridos. É como se o mundo ficcional de Pleasantville começasse a se encher de vida e com isso fica mais próximo da realidade imaginada pelo filme. A cada demonstração de sentimentos – amor, coragem, alegria, tristeza, bravura, raiva – a cidade e seus habitantes ganham cor e vida. Nesse ponto do filme, parece que duas realidades diferentes tentam sobreviver em uma mesma dimensão.

No momento em que os personagens começam a liberar suas emoções reprimidas ou desconhecidas, o filme ganha cores que contrastam com o preto e branco, gerando imagens fantásticas que deslumbram o olhar do espectador e transmite uma ideia do que seria nossa vida sem a presença das cores.

A personagem Betty Parker era a representação da esposa perfeita, que somente cuidava da família, cozinhando e limpando a casa. Para os homens retratados em Pleasantville as mulheres deviam ser donas-de-casa totalmente dedicadas e nem mesmo pequenas falhas eram admitidas. Um dos personagens chega a dizer: “*é uma questão de valores, queremos salvar os valores que tornaram este lugar ótimo*”. O conceito sexual de um casal também não era explorado, uma vez que a série tinha a intenção de representar apenas o que convencionalmente é tido como puro e inocente em nossa sociedade.

Os personagens do seriado eram totalmente despreparados para um mundo tão diferente como é o mundo real, que nem mesmo os bombeiros da série sabiam como apagar o fogo. Tudo é novo. Todos os acontecimentos despertam grande atenção, engendrando cada vez mais curiosidade e a perda do medo de viver essas novas experiências. Eles descobrem que possuem o livre arbítrio para viver plenamente de acordo com suas escolhas, necessidades e desejos. Mas, além dos prazeres, as novas experiências também trazem os conflitos.

Betty, quando se percebe colorida, inicialmente tem vergonha de se mostrar viva, como uma mulher que tem seus próprios desejos e realizações. Em uma cena, David maquia Betty e ela se torna de novo temporariamente sem cor.

Em outra cena, um dos personagens descobre o mundo das artes através de um livro de pinturas que antigamente não existia na série. Anteriormente as mudanças, os livros em Pleasantville não tinham conteúdo, eram somente capas recheadas com folhas em branco. Ele fica totalmente maravilhado com as inúmeras possibilidades de cores, tons, texturas, etc, e então começa a produzir obras de arte explorando diversas tendências artísticas como naturalismo, expressionismo, realismo, cubismo, e abstracionismo.

Em outra parte do filme, Jennifer questiona o motivo de ainda estar em preto e branco. Por já ter feito sexo ela acredita que deveria ter ficado colorida, como se obrigatoriamente tivesse que ficar marcada. Porém, descobre posteriormente que ficar colorido não tem relação unicamente com sexo, mas sim com o fato de se “encher de vida”, de descobrir o que verdadeiramente lhe faz ser um ser humano real e não apenas um personagem de ficção. Ela então descobre sua paixão pelos estudos e finalmente torna a ser colorida. Nesse contexto, o filme aborda a cor como um significado de novas descobertas, correndo o risco de cometer erros e acertos.

Com todas as mudanças, os personagens do seriado então descobrem que mesmo não sendo perfeito, o mundo pode ser ainda mais maravilhoso e fantástico, pois é repleto de sentidos. A cor é o elemento escolhido para expressar esses sentidos. Ela é representada pelo filme como algo que é capaz de nos proporcionar diferentes sentimentos e sensações.



A vida em preto e branco vista através de um olhar simplista, permite-nos usufruir mais dela, mas a cor, com toda sua complexidade, deixa tudo mais interessante.

O filme traz a concepção do descobrimento de coisas novas como fonte de prazer intangível. Mostra também a resistência de algumas pessoas, que apesar de viverem em um mundo de constantes mutações naturais, sociais e culturais, não aceitam essas transformações e automaticamente se impedem de viver plenamente a vida. Nem todos querem mudar, assim acontece uma ruptura entre aqueles que querem continuar vivendo em preto-e-branco e aqueles que desejam cores.

### **Considerações finais**

A cultura determina os princípios de exclusão e de participação no processo de encontros culturais. As imagens possuem uma grande poder de representação da cultura, pois apresentam situações que podem ser alteradas por meio de outras imagens.

Nós não só percebemos a realidade, mas também a construímos quando processamos o percebido como sendo real. Toda a materialidade não é nada mais do que uma construção realizada através de nossas percepções. Todas as realidades são virtuais, pois vivemos em ambiente social estruturado nas dicotomias concreto/abstrato, real/fictício.

Atualmente recebemos constantemente com uma avalanche de imagens. Essas novas imagens, chamadas de técnicas, são símbolos produzidos por aparelhos e para decifrá-los é necessário considerar os mecanismos de sua construção, como reconstituir os textos que criaram aquela imagem e atentar para as regras e linguagens da tecnologia que a possibilitou. Há diversas formas de processar informação e por isso precisamos aprender a receber conteúdos de maneira correta, sem sermos soterrados por informações sem sentido.

Enquanto as imagens antigas apenas imaginavam o mundo, as imagens técnicas imaginam textos geradores de imagens que concebem o mundo. A diferença das imagens técnicas para as imagens tradicionais é que agora as imagens não são apenas representações, mas sim conceitos. Imagens são conceitos transcritos em cenas. O código dessas novas imagens é o seu significado.

O cinema opera como uma ferramenta de assimilação das diferentes configurações de nossas práticas culturais e sociais, uma vez que se caracteriza por criar e apresentar enunciados imaginativos sobre o nosso mundo. Assim, o mundo imaginal constitui-se em um modo de considerar a relação espaço-tempo, que se torna determinante para a compreensão de qualquer sociedade. Nesse contexto, o resultado desta pesquisa foi a análise concebida a partir de uma interpretação do filme em relação ao nosso mundo, através dos elementos e técnicas utilizadas para a construção de sentido.

Para esta análise, as percepções obtidas no primeiro contato com o filme foram se modificando ou se complementado de acordo com os elementos e conteúdos acrescentados ao longo da obra, mediante as observações subsequentes. Todos os elementos somados foram construindo, aos poucos, uma nova percepção diferente da inicial, que resultou nas considerações e apontamentos descritos nesta análise. Algumas observações apesar de não possuírem um alto teor de significância, são culturalmente e sociologicamente oportunas, uma vez que representam símbolos de situações e acontecimentos imaginados em relação ao sentido da vida humana.

### **Referências**

- AUMONT, Jacques. et. al. **A estética do filme**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2002.
- BARBERO, J. M. **Dos meios à mediações**, comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CASSETTI, Francesco. **Como analisar um filme**. Barcelona: Paidós, 1996.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta** : ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo, Aleph, 2009.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2003.
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

KERKHOVE, Derrick. **A pele da cultura**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997

MACHADO, Irene. **Escola de semiótica** – A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da crítica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Semiótica da cultura e da semiosfera**. São Paulo: Annablume, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

SILVA, Solange. **Tópicos de semiótica da cultura**: aulas do professor Ivan Bystrina. São Paulo: PUC, 1995.